



# Jeito de pai

Ele nos ensinou a melhor maneira de conviver com o mal de Parkinson

POR MARINA McCARRON



“**P**APAI CAIU NO *closet* e não conseguimos levantá-lo”, disse minha irmã ao abrir a porta na casa de meus pais para que eu entrasse. Não corri atrás dela. Desde que voltei para casa, em New Brunswick, há alguns meses, vi em muitas ocasiões os efeitos do mal de Parkinson em meu pai. Pendurei meu casaco e andei pelo corredor, curiosa para saber como ele tinha ido parar no *closet*.

Na porta do quarto dos meus pais, soube que a situação era grave quando vi meu sobrinho de 2 anos em pé, de tênis, sobre a colcha de minha mãe, acendendo e apagando a luminária. Isso simplesmente não acontecia naquela casa.

Em seguida, vi os pés de meu pai saindo pelas portas abertas do *closet*. Isso me fez rir e ao mesmo tempo me entristeceu. Eu tinha visto papai cair na entrada da garagem e na escada, mas com que frequência você vê seu pai estirado num *closet*?

Aproximei-me e espiei. Era uma visão estranha. Como minha mãe guarda tudo, meu pai ficou emaranhado em sapatos, roupas, caixas, enfeites de Natal e todo tipo de objetos irreconhecíveis.

Quem saberia o que aconteceu? Meu sobrinho adora brincar naquele *closet* – sem dúvida papai o deixava pular na cama –, portanto imagino que ele tenha ficado preso lá primeiro e papai entrou para ajudá-lo.

Minha irmã e eu conseguimos retirar as tralhas do caminho de papai

e eu o levantei. Ele estava rindo, mas, como meu pai sempre ri, eu não podia ter certeza de que não havia fraturado nada. Pedi que mexesse os dedos e se movimentasse um pouco. Ele estava bem.

Um novo dia, uma nova experiência. Eu sabia que não ia melhorar, mas pelo menos aprendemos a fazer piadas sobre o assunto – papai nos ensinou que é a melhor maneira de enfrentar a situação.

LEMBRO-ME da primeira vez em que vi meu pai cair. Pensei que meu coração fosse parar. Ele era a pessoa mais forte que eu conhecia. Quando tropeçou em algo que não conseguia ver, aquela força com que eu estava acostumada a contar pareceu sumir e fiquei na dúvida se devia ajudá-lo a se levantar ou fingir não ter visto.

Oito anos atrás, quando a doença foi diagnosticada, eu morava em Vancouver. Mamãe me contou por telefone e tentei conter as lágrimas. Perguntei se devia voltar para casa e ela rejeitou a idéia. Eu estava estudando e ele parecia bem, garantiu ela. Aceitei porque era o que eu queria ouvir.

Antes do mal de Parkinson chegar à minha família, eu não sabia nada sobre a doença. A única imagem que me vinha à mente era a de um comercial que vira na televisão, de um homem com as mãos trêmulas esforçando-se para montar um quebra-cabeça. De perto era diferente. Voltei para casa há um ano e meio a fim de ajudar um pouco, e desde então aprendi tudo sobre o assunto.



Meu pai ainda é o homem mais engraçado que conheço, e o mais inteligente – passamos horas discutindo política e terrorismo. Mas seus olhos vagueiam um pouco, ele arrasta os pés ao andar e, quando está de pé, oscila como uma árvore em meio à ventania. De vez em quando fica confuso e não sabemos se é o remédio ou a evolução da doença. Rezamos para não ser sintoma de uma nova enfermidade.

Minha irmã e eu conversávamos sobre ele outro dia, sobre o quanto é difícil saber quando devemos deixá-lo tentar calçar os sapatos, e sua dificuldade para sentar-se e levantar-se. Ela comentou que às vezes o observa e se vê estimulando-o em pensamento, “Só mais um pouquinho”, “Você consegue”, do mesmo modo que elo-

---

**Experimentamos  
diferentes  
emoções quando  
alguém que  
amamos tem  
uma doença  
degenerativa.**

**A culpa é  
uma delas.**

giamos meu sobrinho quando ele faz algo novo. É emocionalmente desgastante. E tudo seria muito mais difícil se não fosse a atitude de meu pai. Ele simplesmente ri.

UM DIA, quando o levei para tomar um café, papai teve muita dificuldade para sair do carro. Esperei, os segundos parecendo horas, até que o ouvi dizer: “Vamos lá, coroa, você consegue!” E eu ri. Isso me lembrou do dia em que o telefone tocou e eu não atendi porque estava assistindo a um seriado na TV. Papai resolveu levantar-se para atender, enroscou-se na manta e, claro, caiu. Senti-me o ser mais abominável do mundo, até que meu pai, caído de costas no chão, gritou, quando o telefone parou de tocar: “É bom que voltem a ligar, e que seja importante!”

São muitas e diferentes as emoções que experimentamos quando alguém que amamos é atingido por uma doença degenerativa. Nunca pensei que a culpa seria uma delas. No entanto, eu me sinto culpada, especialmente quando perco a paciência. Certa vez, num dia frio de inverno, levei meu pai à médica e deixei-o na frente do prédio enquanto estacionava. Quando cheguei, porém, papai não estava no consultório, que ficava no quarto andar.

Não posso explicar como fiquei assustada naquele momento. Será que ele estava vagando no frio? Sai correndo do prédio, procurei no estacionamento, e tornei a entrar, olhando na farmácia e na escadaria.



Peguei o celular e, quando começava a digitar o número do telefone do meu irmão, encontrei meu pai no segundo andar. Embora ele estivesse na porta certa, errara dois andares. Fiquei furiosa.

“Já viemos tantas vezes aqui! Como você não achou o consultório?”

Meses depois eu ainda me sentia péssima pelo meu descontrole. Tentei me desculpar, mas papai disse: “Não pense mais nisso.” Outro traço de personalidade que gostaria de ter herdado dele: não precisar analisar tudo até o último detalhe. Ele vive o momento e não se prende a ele. Acho que isso mantém seu ânimo elevado enquanto o corpo se desintegra.

**O**UTRO DIA, enquanto aguardávamos no consultório, eu pensava numa entrevista de Michael J. Fox a que assisti recentemente. Ele contou que o filho lhe perguntara sobre os tremores nas mãos, e Michael explicou que, se você apertar a região que está tremendo, ela pára por algum tempo. A mão de papai estava perto da minha e os dedos pareciam tremer. Peguei a mão dele e a apertei. Ele olhou para mim como se eu tivesse furado seu olho.

– Doeu? – perguntei, confusa.

– Não, mas por que você fez isso?

Eu expliquei. Papai me olhou e disse:

– Eu estava tentando estalar os dedos ao ritmo da música que está tocando. Ela vai acabar antes de meus dedos voltarem para o lugar.

O homem sentado ao nosso lado riu tanto que escondeu o rosto por trás de uma revista. Eu ri também.

A doença, porém, progride e papai toma remédios para controlá-la. Sei que é difícil para ele, um homem que adora crianças e que sempre foi a luz aos olhos dos netos. Ele já não se sente seguro para pegá-los no colo. É duro para seus filhos e para sua mulher. Fico irritada, imaginando por que meu pai, um homem tão bom, precisa passar por isso. Mas fazer essas perguntas só nos deixa amargurados. E não foi assim que meu pai me ensinou a viver.

Sinto-me abençoada pelo tempo que passei com ele, as ótimas conversas que tivemos tomando café, as caminhadas no verão e os passeios no *shopping* no inverno. Como sempre fez toda a minha vida, ele continua a me ensinar que às vezes precisamos enfrentar uma situação difícil e rir sempre que pudermos.

Obrigada, papai.

## VOCÊ ENTENDEU?

De um artigo do *Times* de Saint Petersburg, Flórida, sobre o motorista de lambreta que sobreviveu a um atropelamento: “O capacete o poupou de mais ferimentos quando a cabeça bateu no chão e depois saiu voando.”

